

Cientistas debatem efeitos da educação sobre o emprego

Natal — A competição cada vez mais acirrada por vagas no mercado de trabalho deu lugar a um raciocínio que já virou lugar comum: educação rima com emprego. Mas a realidade pode não ser bem essa. É o que pensam a diretora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Paraná, Acácia Kuenzer, e o professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Celso Ferretti. Hoje eles participaram do simpósio A Reforma do Ensino Técnico no Brasil, durante a 50ª Reunião Anual da SBPC, que se encerra hoje em Natal.

“É um engodo dizer que, com educação, estaremos criando postos de trabalho”, afirmou Ferretti. “O modelo produtivo é que é excludente.” Concordando com essa premissa, Acácia apresentou o que acredita ser o papel ideal da escola: “Preparar toda a população para exercer a cidadania e se inserir no mercado de trabalho”, disse ela, destacando que isso tampouco garante emprego. “Não adianta a escola formar bem se não há vagas para trabalhar”, observou.

Acácia criticou as mudanças no ensino profissionalizante determinadas pelo Ministério da Educação (MEC), que desvinculou a formação técnica do ensino médio. A partir deste ano, portanto, o aluno que optou pelo curso técnico precisa antes — ou concomitantemente — cursar o ensino médio. “Trata-se de uma política elitista, pois ignora os elevados índices de evasão”, afirmou.

Segundo o secretário de Ensino Médio do MEC, Rui Derger, a preocupação da reforma foi garantir a universalização do antigo 2º grau, atendendo à Lei de Diretrizes e Bases da Educação. “As competências exigidas de quem sai da escola, hoje, são de fortes conhecimentos gerais contextualizados”, disse ele, por telefone. “Por isso, a formação técnica deve ser complementar à educação básica.”

Durante a reunião da SBPC, foi divulgado que o Brasil tem cerca de 5 mil cientistas de excelência, divididos em mais de mil grupos de pesquisa que podem ser comparados ao que há de melhor no mundo, no setor. A informação faz parte de levantamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

“É o creme da ciência brasileira”, afirmou o coordenador do trabalho, Reinaldo Guimarães, que é também pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (Uerj). Segundo Guimarães, os grupos de excelência nacional correspondem a 17% das 8.542 equipes de pesquisa existentes no país.

AMEAÇA

Um dos painéis previstos na reunião de ontem deixou de ser apresentado, pois o autor estava sendo ameaçado de morte. O formando em Direito Sadi Medeiros Júnior iria falar sobre as transferências ilegais de alunos matriculados em faculdades do interior para a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Pelo fato de ser um assunto polêmico, Júnior recebeu dois telefonemas anônimos, avisando que, se fizesse a apresentação, “não passaria de hoje”.

O caso das transferências irregulares foi amplamente debatido, sendo divulgado em toda a imprensa nacional. Mesmo assim, continua envolvendo fortes interesses, provocando reações como as ameaças ao estudante. “Meu interesse é puramente científico, em analisar um problema para o qual, até hoje, não se apresentou solução”, explicou Júnior, que irá colar grau no dia 24.

O futuro advogado lembrou ainda que o curso de Direito da UFRN tem mais alunos transferidos de outras instituições do que aprovados pelo vestibular, e ressaltou também que, durante a pesquisa, lhe foi negado o acesso ao processo que investiga os casos denunciados.

Muito preocupado, Medeiros Júnior não quis comparecer à UFRN e ao protesto ocorrido à tarde no horário e local da apresentação dele. Com uma faixa preta, os alunos organizadores do protesto informavam aos presentes o ocorrido. “Queremos alertar a comunidade acadêmica para o absurdo que está acontecendo” afirmou um dos organizadores do movimento, George Dantas.

■ Leia mais sobre educação na página 12